



Confederazione Mondiale Mornese Exallieve ed Exallievi delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Via Gregorio VII, 133 int.4/sc.B 00165 Roma

Tel. 06/39.37.51.31 C.F. 97070250580 www.exalliefma.org

A educação da afetividade e da sexualidade dos jovens em contextos de complexidade e fluidez

Pina Del Core, fma

3. Pontos nodais e críticos para a educação da afetividade e da sexualidade

Perante a descrição dos elementos emergentes das investigações estatísticas e de uma leitura educativa da situação juvenil, não podemos deixar de nos concentrar nos *desafios antropológicos* e nas *implicações educativas* que estão ligadas aos problemas decorrentes da difusão das *teorias de género e queer*. As áreas particularmente tocadas por estas teorias são a *conceção da sexualidade humana* com as suas transformações notáveis e a *identidade da pessoa* com os seus processos evolutivos. Esta visão não pode ser partilhada por todos, especialmente por aqueles que apoiam uma conceção humanista e pedagógica própria do humanismo integral. O que preocupa, de facto, é precisamente o desafio educativo, que além de ser antropológico, cultural e social, interpela a educação das novas gerações, tocando especificamente a área da afetividade e da sexualidade e, portanto, o campo da educação ao amor, da educação nas escolhas, na responsabilidade e liberdade.

Encontramo-nos perante um processo de *reformulação da identidade pessoal* e da *relação sexualidade/identidade*, talvez nunca apoiado na tradição do pensamento humano. Uma verdadeira revolução cultural que, tocando a identidade pessoal, portanto a própria essência de cada ser humano, desconstruindo-a no contexto de uma conceção de natureza que já não é estática, mas mutável, sempre flutuante, vai minando a *questão antropológica* na sua raiz.

A questão do género gerou uma *crise antropológica e cultural* sem precedentes, modificando rapidamente o modelo de *antropologia sexual* construído ao longo dos séculos na cultura ocidental, afetando as relações afetivas muito para além da esfera privada, enquanto que a sexualidade - concebida como um potencial 'espaço de liberdade' fora das restrições das normas tradicionais - libertou-se da família, do casamento e até dos 'condicionamentos' de um sexo determinado.

As teorizações propostas apresentam uma *conceção alternativa do corpo* e da *relação homem-mulher*, cuja diferença já não é um elemento qualificador para determinar as formas de amar e de se relacionar com o outro, de formar uma família construída por masculino e feminino.

O que causa um problema é a visão global da pessoa humana que se inspira nas categorias conceptuais das *teorias de género*, onde é removida a realidade do homem e da mulher, ou seja, a diferença sexual. Na verdade, com a *identidade de género*, a conotação sexual binária da identidade humana (masculino/feminino) desaparece e é substituída por uma *nova identidade* sem qualquer referência ao corpo e ao biológico. Cada ser humano é um ponto no espectro das identidades de género, parte de um fluido contínuo de identidades possíveis que são exclusivamente auto-percebidas, ou seja, subjetivas, diferentes entre pessoa e pessoa e, para cada pessoa, mutável no tempo.

A ideia de que cada pessoa pode escolher a própria *identidade de género* independentemente da sexualidade do seu corpo, no contexto da neutralização das diferenças e da abolição de todas as fronteiras entre natureza e cultura, comporta também a ideia de que cada *orientação sexual* vale tanto quanto um outro (*heterossexualidade* equiparada à *homossexualidade*) e os *géneros* podem ser infinitos, até porque, ao separá-los da natureza, já não se pode falar de 'categorias' dentro das quais confinar a identidade: fechar a *identidade* dentro de um *género* poderia ser já uma tentativa de discriminação.

Uma questão complexa e delicada, ainda em “aberto” no debate cultural e científico, que coloca desafios educativos significativos aos envolvidos na educação ou com funções de orientação e

acompanhamento, é a *questão da homossexualidade*. Entre as diferentes vertentes da educação afetiva, uma componente fundamental é a *temática da sexualidade e da sua integração*, em referência a qualquer escolha de vida e/ou vocação. A difusão e a imposição global de percursos educativos baseados em teorias de género, além de transmitirem concepções da pessoa contrárias a uma antropologia sã e também à visão cristã da vida, estão a aumentar o *fenómeno da homossexualidade* nos jovens e adultos em todos os contextos culturais¹.

Instâncias educativas e pastorais

Para que os percursos de *educação à afetividade e à sexualidade* sejam eficazes e bem concebidos, é fundamental enquadrá-los no quadro de uma educação integral, que ponha em causa todas as dimensões da pessoa, desde a corporeidade, ao sentimento e ao mundo emocional, da sexualidade à identidade psicosexual, do conhecimento às motivações e aos valores, da perspetiva temporal à projetualidade, das escolhas às decisões, etc. A maturação afetiva, de facto, não pode ser distinta ou desvinculada dos processos de amadurecimento globais, que dizem respeito a todas as outras esferas da personalidade, desde a autonomia à inteligência e à vontade.

Para poder conjugar juntos as dimensões do afeto e da sexualidade nas relações e vínculos afetivos, de amizade ou de casal, a pessoa humana deve possuir *competências relacionais e emotivas* mais gerais, como a capacidade de identificar e avaliar as consequências do seu comportamento, a capacidade de decisão e de escolha, de saber negociar nas trocas interpessoais, a capacidade de autodeterminação e autocontrolo emotivo, de tomar a distância certa e criar vínculos afetivos, suficientemente livres e satisfatórios.

No percurso de crescimento pessoal para a construção de uma identidade de vida livremente escolhida, o amadurecimento e a integração afetiva ocupam um lugar central. Cada escolha de vida encontra a sua solidez e, ao mesmo tempo, a sua plena realização na base de uma personalidade suficientemente autónoma, que construiu um conceito harmonioso e unitário de si mesma, para constituir o núcleo central da sua identidade pessoal, cultural e vocacional. Neste sentido, é lícito perguntar se poderá ser autêntica a educação que negligencia a autoconsciência, a autoestima, a empatia e a relacionalidade que se correlaciona com a solidariedade.

Aprender a manter *contacto com o próprio mundo emocional* e saber interagir com a realidade em determinadas situações da vida é uma meta de saúde mental que apoia homens e mulheres ao longo da vida. A falta de educação dos afetos impede o crescimento correto e fixa em objetos inadequados ou errados uma quantidade de energia que deveria encontrar, especialmente nos adultos, objetos mais específicos, mais "humanos". Se a nível educativo se prestasse mais atenção à *educação do coração* e à capacidade de estar em contacto com as próprias emoções, muitas dificuldades e crises poderiam ser evitadas e as pessoas estariam mais disponíveis e abertas a estender a mão aos outros, tanto nas relações quotidianas, como na missão educativa e pastoral. As consequências desta falta de educação afetiva observam-se, frequentemente, na vida familiar ou nas interações sociais: crianças que não aprendem a ler o seu próprio *código emotivo* e permanecem "fixas" em necessidades infantis ou adolescentes que leem a realidade de acordo com um código emotivo interiorizado na relação arcaica com a mãe, mulheres descontentes porque nem sempre se podem exprimir de forma adulta e homens que se endurecem na tentativa de se mostrarem "racionalistas" em todas as situações, incapazes de expressar o seu mundo interior ou qualquer emoção, quer seja positiva ou negativa no relacionamento com os outros, sobretudo com aqueles com quem estabeleceram um laço afetivo.

A educação do "coração" encontra a sua eficácia inequívoca na *centralidade da relação*, em particular na *relação educativa*, que se realiza tanto no acompanhamento pessoal como no de grupo: o

¹Cf DEL CORE Pina, *Omosessualità e "teorie gender"*. *Criticità e istanze educative*, in ATTARD Fabio - MONTERO SANTOS Francisco (a cura di), *Accompagnamento e affettività. Educare all'amore in prospettiva salesiana*, Torino, ElleDiCi 2020, 85-108.

acionamento de dinamismos afetivos através da relação interpessoal permite um conhecimento mais realista de si mesmo e do seu mundo emocional (conhecer 'dentro' a experiência).

A capacidade de vivenciar o *afeto*, de expressar a própria *afetividade* através de uma emotividade harmoniosa, é essencial para a formação de uma personalidade saudável. Por isso, o amadurecimento afetivo diz respeito ao sujeito na sua globalidade e não apenas no seu aspeto somático ou funções pertencentes à esfera sexual.

A afetividade e a sexualidade são dimensões da pessoa, que, no entanto, é sempre uma realidade unitária: devem ser conjugadas com a inteligência, a corporeidade, a vontade e o próprio sistema de valores. Nesse sentido, uma afetividade e sexualidade mal integradas ou perturbadas comportam sempre alguma perturbação noutras esferas da personalidade.

Educação da afetividade: como entendê-la?

Em primeiro lugar, gostaria de esclarecer que a afetividade e a sexualidade, de um ponto de vista estritamente psicológico, apresentam-se como *processos de desenvolvimento*, como realidades particularmente complexas, ambas ligadas à identidade pessoal e à história psicológica de cada um. Marcam profundamente a pessoa a todos os níveis, começando pelo nível corporal; estas são, portanto, dimensões próprias da vida e da identidade, a ponto de permearem todas as expressões da existência humana, do trabalho às relações, às escolhas de vida, do amor, da religiosidade. O Estudo e a experiência clínica confirmam a dificuldade em distinguir o desenvolvimento psicoafetivo do psicosssexual. Esses processos, que não são paralelos, por vezes interferem entre si e outras dimensões ou aspetos da personalidade, como, por exemplo, a agressividade, a relacionalidade e a corporeidade, as motivações e os valores, a força e expansão do ego, etc.

Além disso, a sexualidade em si não diz respeito apenas ao nível biológico, mas também às motivações, aos valores e à capacidade de perseguir objetivos antropológicos, sociais e religiosos. A experiência demonstra que quando ocorre uma cisão entre estes aspetos, todos importantes e essenciais para viver a sexualidade de forma harmoniosa, alcançamos formas de imaturidade e regressão que fixam a pessoa em fases primordiais do desenvolvimento.

A afetividade, em particular, abrange todo o mundo das emoções e dos sentimentos e permite à pessoa participar dos acontecimentos, estabelecer vínculos afetivos, relações de amizade, fraternidade e de casal, e não está separada da sexualidade que, embora esteja estritamente ligada à esfera biológica sem no entanto se reduzir a uma questão de genitais, apresenta-se como um sistema complexo em que, além da dimensão energética e instintiva, há a dimensão ideal e significativa que a torna profundamente 'relacional' e, portanto, 'humana'. Ambos são estruturalmente “relacionais”, porque atiram a pessoa para fora de si mesma, ao encontro do outro, na superação do individualismo ou do isolamento narcísico. A *afetividade e a sexualidade*, portanto, são duas realidades complexas e ambivalentes, com percursos diferenciados, mas interdependentes, interagindo continuamente com outras dimensões da personalidade (como por ex: corporeidade, agressividade, relacionalidade, motivações e valores, religiosidade, força e expansão do 'eu, ...)

A *maturação afetiva*, portanto, deve ser sempre considerada no quadro global de uma maturidade humana compreendida de forma dinâmica: a opção pelo casamento, pelo celibato consagrado ou por qualquer outra escolha exige algumas condições de equilíbrio e unidade da própria vida, e, além disso, pressupõe o desenvolvimento de uma certa autonomia e uma projetualidade pessoal e clara.

Os percursos de maturação da afetividade e da sexualidade estão interligados com todos os caminhos de maturação que ocorrem simultaneamente no desenvolvimento global da pessoa. Trata-se de alcançar progressivamente uma certa *unificação de si* mesmo como núcleo central da identidade da qual fazem parte as áreas individuais de maturação. Daqui resulta que, perante escolhas de vida diversificadas que exigiriam níveis vários de maturação, exigem-se algumas condições de *equilíbrio e unidade da vida*, bem como uma certa *autonomia* e uma *projetualidade* clara, quer seja para a

escolha do casamento, da parentalidade, quer seja para o celibato consagrado ou para qualquer outra opção de vida².

Em conclusão: maturar na capacidade de amar

É importante recordar um dos conceitos-chave de todo o percurso de educação afetiva e que precisa de superar a ambiguidade a que muitas vezes é submetido na cultura contemporânea. Refiro-me ao termo ‘amor’ que – como sublinhou Bento XVI na Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (DCE) – há uma multiplicidade de significados que por vezes indicam realidades totalmente diferentes.

Maturar na capacidade de amar comporta levar em consideração as três dimensões fundamentais ou *fatores constitutivos do amor autêntico: intimidade, paixão, compromisso*.

A *intimidade*, fator complexo, próprio das relações amorosas, inclui o sentimento de vínculo, decorrente de uma experiência positiva de aceitação e reconhecimento por parte do outro, mediante a escuta e o cuidado, o respeito e a estima.

A *paixão* expressa a componente mais emocional decorrente da atração, não só física, que tem a sua origem imediata na dimensão erótica da sexualidade, aonde a vertente estética levaria à idealização e ao aspeto instintivo, é fonte de energia apaixonada, de per si inebriante e vital, mas que pode cair na exclusividade, na posse e no puro prazer descontrolado.

A *decisão*, enraizada na paixão e apoiada no vínculo de intimidade, comporta a determinação, a escolha de amar e de continuar o vínculo a longo prazo. Ou seja, exige um compromisso de prolongar no tempo o vínculo, que se tornou um “vínculo” sentimental estreito e contínuo. Sem a componente decisória, ou seja, sem a escolha do vínculo, a paixão e a intimidade (inclusive sexual) serão dominantes na relação, que por si só ainda são indeterminadas e estão sempre em busca de algo ou de outra pessoa. Não pode haver verdadeira descoberta do outro, nem o amor pode tornar-se cuidado do outro e para o outro sem a clara disponibilidade para tal processo de decisão. Assim, não poderá haver estabilidade e segurança, porque fica mais facilmente exposta à erosão do vínculo: o fogo-fátuo da emotividade pode apagar-se depressa ou reacender, se necessário.

Pelo contrário, o verdadeiro amor invoca estabilidade e segurança: «o amor promete o infinito, a eternidade – uma realidade maior e totalmente diferente da vida quotidiana da nossa existência. [...] O caminho para isso não é simplesmente deixar-se dominar pelo instinto. São necessárias purificações e maturações, que passam também pelo caminho da renúncia» (DCE 5). «Faz parte do desenvolvimento do amor para níveis mais altos, para as suas purificações íntimas, que procure agora o definitivo, e isto num duplo sentido: no sentido da exclusividade – 'só esta pessoa' - e no sentido de 'para sempre'. O amor compreende a totalidade da existência em todas as suas dimensões, mesmo até a do tempo. Não poderia ser de outra forma, porque a sua promessa visa o definitivo: o amor visa a eternidade» (DCE 6).

² Cf DEL CORE Pina, *Educazione all'affettività*, in AA. VV., *Evangelizzare educando, educare evangelizzando. Emergenza educativa*, Roma, Il Calamo 2010, 141-172.